



BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

AGOSTO DE 2025

CCDR
NORTE
Agricultura

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte



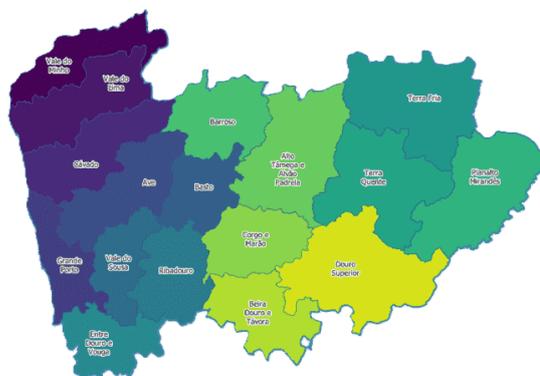
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e económicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção económica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas (INE) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais – Vila Real

5000-421 – VILA REAL, PORTUGAL

☎ + 351 27 826 09 00 ✉ agrodigital@ccdr-n.pt

<https://agrodigital.ccdr-n.pt/sia/Estado-das-Culturas>

Capa: Aspeto das nozes, Quintela - Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

Resumo

Agosto foi um mês marcado pelas altas temperaturas, pelos incêndios e pela angústia de boa parte da população do meio rural na Região Norte.

Os termómetros ultrapassaram os 40°C em muitas das estações meteorológicas oficiais, atingindo os 42°C em algumas delas. Os graves incêndios que assolaram a região tiveram um grande impacto na vida das populações locais, com prejuízos avultados em algumas culturas agrícolas, em áreas florestais e na produção animal. O fumo e a cinza no ar foram uma constante, tornando-se difícil respirar e trabalhar naquela que é uma região predominantemente agrícola.

Os incêndios estenderam-se a áreas residenciais e industriais, destruindo casas, armazéns, fábricas e até construções religiosas.

Com o objetivo de apoiar as populações na mitigação do impacto desses incêndios, foi publicado a 24 de agosto o Decreto-Lei n.º98-A/2025, que estabelece um conjunto de medidas de apoio a diversos setores da sociedade, nomeadamente à agricultura.

À semelhança do mês anterior, agosto foi considerado um mês muito quente e muito seco, com precipitação praticamente nula – apenas no final do mês, a partir de dia 27, se começou a registar alguma precipitação. As temperaturas obrigaram os produtores de culturas regadas a intensificar as regas, aumentando o consumo dos aproveitamentos agrícolas.

Em agosto concluiu-se a colheita dos cereais de primavera/verão, iniciaram-se as vindimas na Região Demarcada do Douro e a colheita da amêndoa, do figo e da maçã.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	5
1.1	Entre Douro e Minho	5
1.1	Trás-os-Montes	6
2	<i>Fitossanidade</i>	17
1.1	Entre Douro e Minho	17
1.2	Trás-os-Montes	20
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	21
3.1	Entre Douro e Minho	21
3.2	Trás-os-Montes	21
4	<i>Milho grão de Regadio</i>	25
4.1	Entre Douro e Minho	25
4.2	Trás-os-Montes	26
5.	<i>Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão</i>	27
5.1	Entre Douro e Minho	27
5.2	Trás-os-Montes	28
6	<i>Batata Hortas familiares</i>	29
6.1	Entre Douro e Minho	29
6.2	Trás-os-Montes	30
7	<i>Fruticultura</i>	34
7.1	Entre Douro e Minho	34
7.2	Trás-os-Montes	39
8	<i>Vinha</i>	56
8.1	Entre Douro e Minho	56
8.2	Trás-os-Montes	59
9	<i>Olival</i>	64
9.1	Entre Douro e Minho	64
9.2	Trás-os-Montes	64
10	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	67
10.1	Entre Douro e Minho	67
10.2	Trás-os-Montes	70
11	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	75

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 1. Barragem de Touvedo – uma das funções desta barragem é o controlo do caudal do rio Lima, aumentado pelo trabalho das turbinas da barragem do Alto-Lindoso, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Durante este período de observação, verificaram-se temperaturas muito elevadas, especialmente as máximas, com precipitação nula e humidade relativa baixa. Aliadas ao vento, por vezes forte, estas condições contribuíram para a ocorrência de muitos incêndios florestais, que fustigaram a região do Minho um pouco por todo o lado.



Figura 2. Área de pastagem pobre, ardida nos incêndios recentes, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Culturas de sequeiro, como os milhos para grão, apresentam graves sintomas de falta de água e, nas áreas de sementeira tardia, a espiga é muito pequena ou nem sequer se formou, tendo secado, entretanto.

As temperaturas muito elevadas provocaram escaldão em algumas vinhas.

As culturas de regadio também têm sido afetadas por estas condições climatéricas, uma vez que a humidade atmosférica tem sido muito baixa e a rega não tem sido suficiente para garantir o normal desenvolvimento vegetativo das plantas.

As elevadas temperaturas levam a que a floração aborte, com impactos na produção das diversas culturas. Na região, as reservas hídricas asseguram dotações de rega e o abeberamento animal.

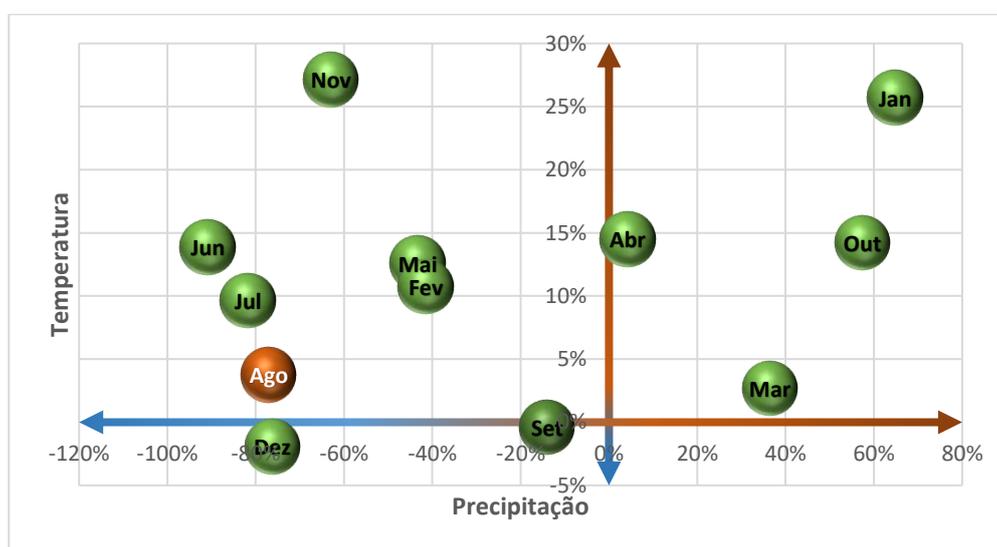


Figura 3. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normas climatológicas (1971-2000)

1.1 Trás-os-Montes

No seguimento do que aconteceu no final de julho, Agosto foi um mês muito complicado em termos climatológicos, tendo começado com uma intensa onda de calor por toda a região Norte, que levou a que fosse considerado um mês muito quente e seco em relação à temperatura do ar.

Na primeira quinzena do mês as temperaturas máximas atingiram (e ultrapassaram) os 40°C em diversas estações meteorológicas oficiais da região, com sensações térmicas ainda mais elevadas. As temperaturas foram sempre superiores às normas climatológicas, tendo-se mantido elevadas por vários dias consecutivos.

Ao longo do mês, foram muitos os avisos vermelhos e laranjas emitidos pelo IPMA, que na sua Plataforma Agroclimática alertou para riscos de escaldão e de períodos quentes e secos.

Grande parte dos concelhos da região Norte esteve sob vigilância apertada e sob orientações da ANEPC (Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil), pela necessidade de cuidados específicos e de uma atenção redobrada ao território e às suas gentes.

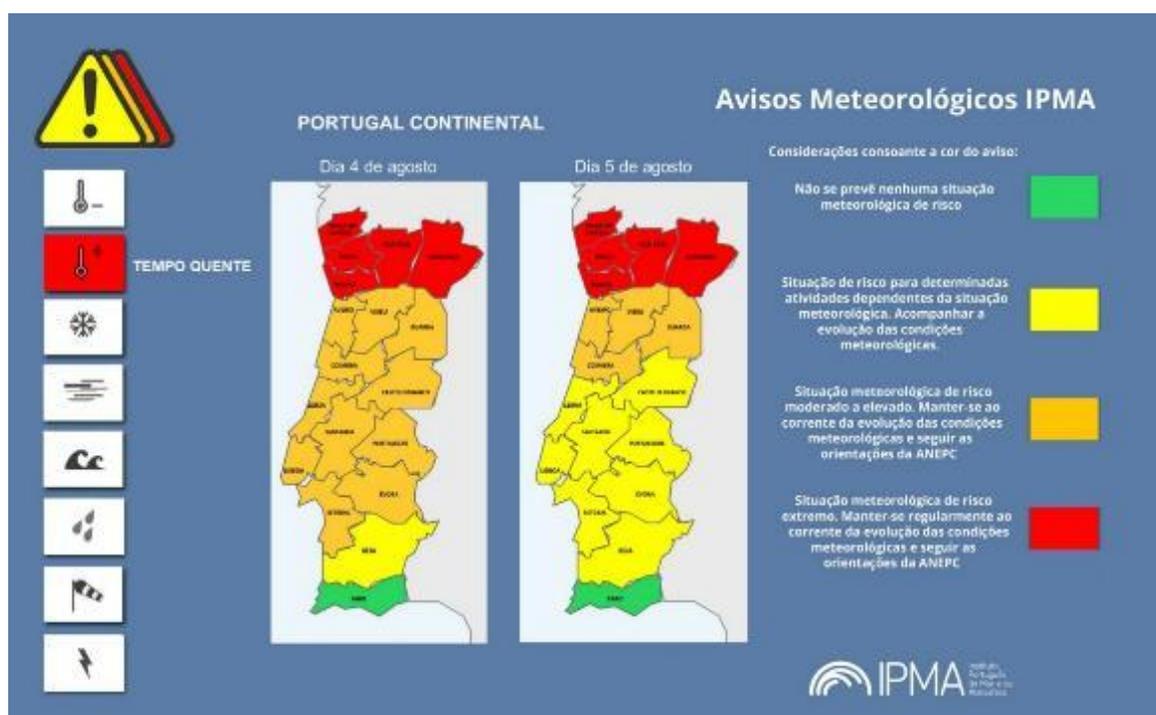


Figura 4. Informação dos Avisos Meteorológicos recolhida do Portal IPMA, em 05 de agosto de 2025

Apesar das temperaturas extremamente elevadas, entre os dias 08 e 12 do mês registaram-se alguns episódios de chuva na região transmontana, em locais muito específicos – Bragança, Torre de Moncorvo e Vila Real.

Foi chuva de pouca dura (ainda que por vezes intensa), mas oportuna para refrescar um pouco e precipitar a nuvem de poeiras do deserto, que atravessou o Mediterrâneo (desde o Norte de África) e se instalou no território nacional por alguns dias.

A partir do dia 12, mas apenas durante alguns dias, registaram-se trovoadas, também elas de forma localizada, que em alguns locais foram trovoadas secas. Noutros locais a precipitação ocorreu de forma abundante e sempre nas cotas mais elevadas, contribuindo para refrescar as noites e manhãs e para regar os castanheiros e as nogueiras.

No final do mês, a partir do dia 27, a chuva regressou à região Norte, ainda que de forma muito pontual e na forma de aguaceiros, beneficiando mais uma vez culturas como o castanheiro ou a nogueira. Com a precipitação ocorreu também uma descida da temperatura do ar, que beneficiou as pomóideas.

Com estas condições atmosféricas, foi possível observar em campo algumas culturas em stress hídrico, nomeadamente as culturas de primavera/verão como o milho forrageiro, as abóboras, as hortas familiares e a cultura da batata. Nas culturas permanentes também já são visíveis os efeitos das elevadas temperaturas, pois o solo dispõe de pouca humidade em profundidade.

Nas culturas de regadio, intensificaram-se as regas - nomeadamente nas hortas familiares, na batata e em culturas permanentes como a nogueira, que é extremamente sensível à escalada de temperaturas elevadas.

Nos campos foi bem visível a presença de herbáceas espontâneas secas, com uma cor “palha” (dourada), transversal também à folhagem de algumas culturas permanentes, especialmente as de regime de sequeiro.

Os produtores pecuários declaram que já se verifica alguma escassez de água para o abeberamento dos efetivos pecuários, mas que para já a situação é considerada normal para a época do ano.



Figura 5. Imagem da NASA, onde são bem visíveis os incêndios das regiões Norte e Centro - Satellite Terra, Modis, 18.08.2025

Durante o mês de agosto toda a região transmontana foi fustigada por graves incêndios, de grandes dimensões, sendo que os piores se registaram no coração do Parque Natural do Alvão (concelhos de Vila Real e Vila Pouca de Aguiar), no Parque Natural do Douro Internacional (concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo e Freixo-de-Espada-à-Cinta) e nos concelhos de Chaves, Mirandela, Moimenta da Beira, Montalegre, Penedono, Sernancelhe, Tarouca, Torre de Moncorvo e Vinhais, com dezenas de milhares de hectares de área ardida (total ainda por contabilizar) e culturas e bens destruídos.



Figura 6. Incêndio em Chaves, 20.08.2025
Créditos da imagem: Página "Meteo Trás-os-Montes"



Figura 7. Incêndio em Vila Verde da Raia - Chaves, 20.08.2025
Créditos da imagem: Página "Voz de Trás-os-Montes"

De notar que quase todos os incêndios ocorridos se aproximaram perigosamente das áreas urbanas, colocando em risco a vida das populações – algumas delas foram mesmo retiradas das suas casas por precaução (ver fotos 6 e 7, retiradas da plataforma Facebook).

Também o Parque Natural de Montesinho foi alvo das chamas, com um incêndio que deflagrou na localidade de Aveleda, numa área de difícil acesso e muita vegetação arbustiva. Nos cerca de 300 hectares consumidos por este incêndio, contabilizam-se castanheiros para produção de fruto (árvores isoladas, bosquetes ou castanheiros jovens com compasso ordenado), sendo que as plantas de bordadura que confinam com os matos ficaram queimadas pela ação do calor ou arderam na totalidade (ver foto 9). Arderam também alguns lameiros, oliveiras e apiários (ver foto 10), bem como fardos de palha e feno que ainda não tinham sido recolhidos das parcelas.

Este incêndio em particular teve duas frentes ativas, não colocou em risco os aglomerados populacionais e foi rapidamente controlado com o auxílio dos meios aéreos, que trabalharam em conjunto com os meios terrestres. Depois de acionada, a cooperação transfronteiriça foi um reforço ao combate ao incêndio, com o apoio dos meios aéreos espanhóis.



Figura 8. Início do incêndio, 25.07.2025, Aveleda - Bragança



Figura 9. Castanheiros jovens queimados pela radiação térmica, 25.07.2025, Aveleda - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 10. Apiário afetado pelo fogo, 25.07.2025, Rabal - Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

Nos concelhos de Mirandela e Vila Flor, os incêndios destruíram pomares de diversas culturas (amendoais, cerejais, olivais, ...), reduzindo o potencial produtivo dessas regiões.



Figuras 11 e 12. Pomar de cerejeiras adultas queimadas (cima, à esq.) e pomar de cerejeiras jovens queimado (cima, dir.)

Figura 13. Olival queimado (baixo, esq.)

Concelhos de Mirandela e Vila Flor

Fotos por: Paulo Guedes

Para além da área florestal, nestes incêndios contabiliza-se também a perda de grandes áreas agrícolas, nomeadamente de soutos, olivais, amendoais e vinha (ver fotos 14 a 19), bem como de animais e respetivas áreas de pastoreio. Não só se perderam as produções deste ano (que em alguns casos estavam prontas a serem colhidas), como ficou comprometida a continuidade das diferentes atividades na região. De assinalar que também a produção de cortiça ficou comprometida, com a destruição de parte dos sobreiros da região.



Figura 14. Olival ardido, 21.08.2025, concelho de Vila Flor

Créditos da imagem: Página “Voz de Trás-os-Montes”



Figura 15. Olival ardido, 21.08.2025, concelho de Sernancelhe

Créditos da imagem: Página da CCDR-N



Figura 16. Bovinos em fuga em área de pastagem, 15.08.2025, Sernancelhe

Créditos das imagens: Pedro Sarmento Costa, agência LUSA



Figura 17. Incêndio na proximidade das habitações, 15.08.2025, Sernancelhe



Figura 18. Vinha totalmente queimada, 21.08.2025, Sernancelhe

Créditos da imagem: Página da CCDR-N



Figura 19. Castanheiros ardidos, 12.08.2025, Tabuaço

Créditos da imagem: Página “Valorizar o Futuro”

Relativamente à seca, ainda não se verificaram constrangimentos, mas a situação tem-se vindo a agravar com o decorrer dos dias e com as temperaturas a manterem-se elevadas. Esse agravamento foi mais intenso durante a primeira quinzena do mês e ao observar as linhas de água e os nascentes, já é visível uma redução significativa do nível de água.

Segundo declarações dos produtores da Terra Fria, os poços, furos e nascentes usados para regas já não repõem o nível de água que tinham anteriormente, pelo que é necessário fazer uma gestão mais cuidada do número e da duração das regas, para que continue a haver disponibilidade de água durante o restante ciclo cultural.

Também é visível que os produtores que plantaram castanheiros, amendoeiras, oliveiras e outras fruteiras no último inverno, estão a recorrer aos diferentes recursos hídricos existentes para encher as cisternas e posteriormente regar as jovens plantas.

Nas barragens de Prada e Gostei continuam a decorrer as obras de limpeza e melhoria das infraestruturas. Na barragem de Gostei a quantidade de água armazenada é inferior, quando comparada com igual período do ano anterior (ver fotos 20 e 21)



Figura 20. Barragem de Gostei, agosto 2024, Gostei - Bragança



Figura 21. Barragem de Gostei, agosto 2025, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Também na barragem de Prada, o volume de água armazenada é inferior quando comparado com igual período do ano anterior (ver fotos 22 e 23).



Figura 22. Barragem de Prada, agosto 2024, Prada - Vinhais



Figura 23. Barragem de Prada, agosto 2025, Prada - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

As linhas de água permanentes dispõem de água corrente, mas as linhas de água temporárias já secaram. Quando se observam as agueiras nos lameiros de regadio, ainda é possível observar água corrente.

No Planalto Mirandês, e apesar de ainda estarmos longe de uma situação de carência hídrica, é notória uma redução gradual do nível da água em todo o tipo de locais onde a água se possa encontrar natural ou artificialmente – os ribeiros ou regatos apresentam um caudal bastante reduzido e o nível das charcas baixou (especialmente quando a demanda por parte das culturas foi mais exigente). A quebra no volume de água foi significativa, mas as reservas hídricas – quer para consumo urbano, quer para as culturas – ainda estão asseguradas.



Figura 24. Barragem de Penas Roias a cerca de 90-95% de cota, 13.08.2024, Mogadouro



Figura 25. Barragem de Penas Roias a cerca de 80-85% de cota, 05.08.2025, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 26. Charca destinada a rega de amendoal, 14.07.2025, Castelo Branco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 27 Charca destinada a rega de amendoal, agosto de 2025, a 70-80% de cota (o menor desde o início do registo fotográfico), Castelo Branco - Mogadouro

A barragem de Temilobos, no concelho de Armamar, apresenta níveis de armazenamento consideravelmente mais baixos que no mês de julho ou agosto do ano anterior (68,6%).

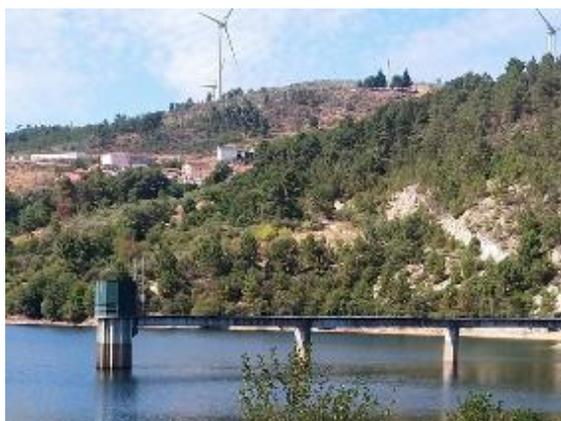


Figura 28. Barragem de Temilobos, 06.08.2024, Armamar



Figura 29. Barragem de Temilobos, 14.07.2025, Armamar



Figura 30. Barragem de Temilobos, 26.08.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Este aproveitamento hídrico tem dupla função – rega e abastecimento público. Com o aumento das temperaturas, da intensificação da rega nos pomares e do aumento do consumo urbano, a quantidade de água armazenada diminuiu consideravelmente, mas neste momento ainda garante os fins a que está destinada.

Segundo nos foi dito, esta barragem também serviu de apoio pontual ao abastecimento dos helicópteros envolvidos no combate aos incêndios ocorridos na região.

No que diz respeito à Evapotranspiração de Referência (ET_0)¹, os valores flutuaram bastante, fixando-se entre os 2mm/dia e os 7mm/dia. De referir que a variação ao longo do mês foi decrescente, começando com valores muito elevados e evoluindo para valores mais baixos.

As oscilações da humidade relativa variaram em sentido contrário, situando-se entre os 54 e os 97%.

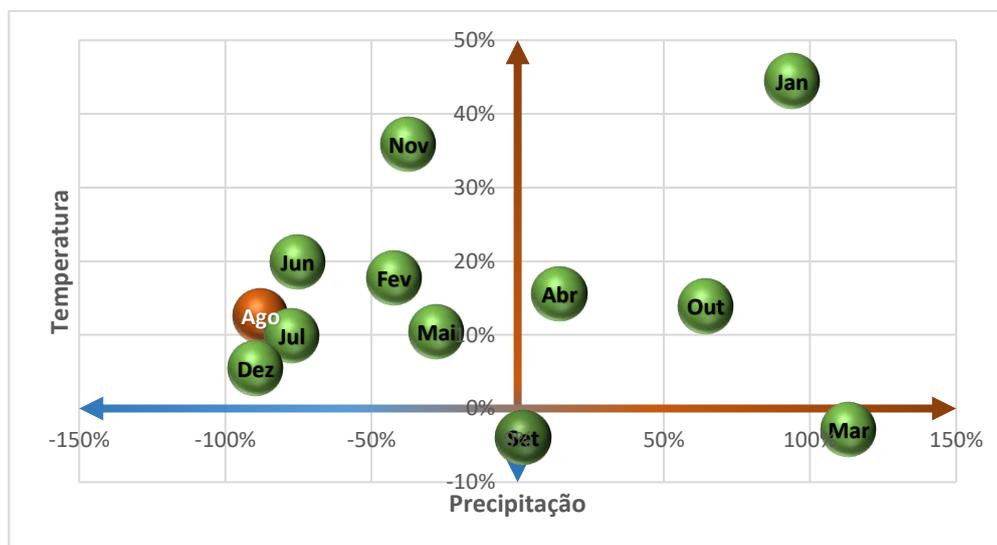


Figura 31. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

2 Fitossanidade

1.1 Entre Douro e Minho



Figura 32. Míldio na folha e no cacho, em vinha da casta "Alvarinho", Pias - Monção, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

As temperaturas elevadas e a menor humidade nas últimas semanas (por ausência de precipitação), facilitaram o controlo das infeções de *Botrytis* e Bacterioses nos kiwis e de Míldio na vinha e na batata. As populações das pragas têm mantido níveis bastante baixos.



Figura 33. Videira de uvas tintas afetada pelo escaldão, Ganfei - Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 34. Esca na vinha, Ganfei - Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 35. Bagoinha em videira de casta tinta, Ganfei - Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

Acidentes fisiológicos, como o escaldão, tiveram condições para ocorrer. As altas temperaturas que se fizeram sentir em alguns dias, ocasionaram acidentes fisiológicos como o escaldão, mas regra geral tiveram pouco impacto no desenvolvimento vegetativo das diversas culturas.



Figura 36. Macieira – frutos atacados pelo piolho de S. José, Vila Verde, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

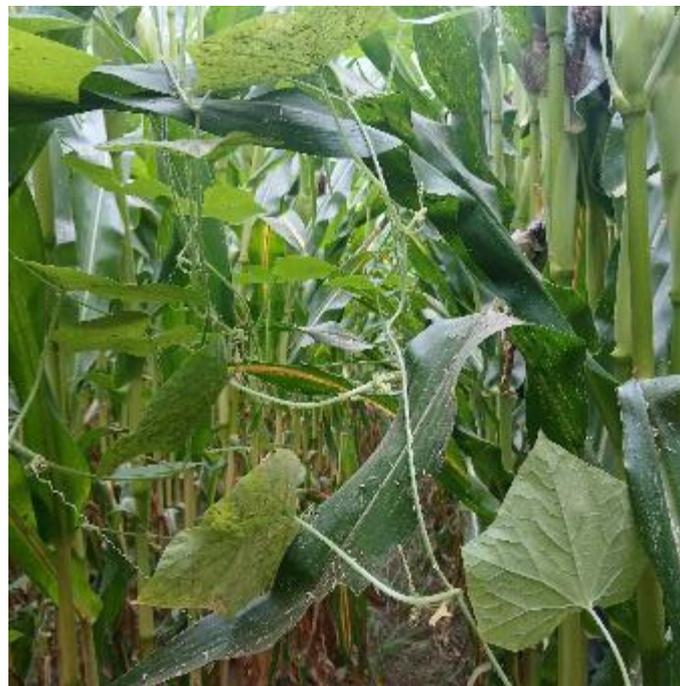


Figura 37. Infestante *Sicyos angulatus* numa seara de milho grão, Valongo, zona de observação do Grande Porto
Foto por: Isabel Correia

Em agosto o Serviço de Avisos não emitiu Circulares de Aviso para esta região.

1.2 Trás-os-Montes

Na Terra Fria, e com as temperaturas acima dos 36°C durante vários dias consecutivos, os produtores de nozes recorreram à aplicação de caulinos para protegerem as plantas e prevenirem os escaldões, de modo que estas se mantivessem em bom estado fitossanitário para completar o seu ciclo vegetativo.

Também se constata a aplicação de produtos fitofarmacêuticos em algumas vinhas (as folhas estão azuladas), para controlar episódios de míldio – nos cachos ainda persistem bagos com manchas e alguns bagos secos.

Ao contrário ao que se verificou em anos anteriores, as vinhas situadas em freguesias limítrofes com o concelho de Chaves (Edral, Vilar Seco de Lomba e União de Freguesias de Vilar de Lomba e São Jomil) não foram este ano contempladas no Despacho n.º72/G/2025, de 2 de julho da Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV) para realizarem a prospeção do inseto vetor *Scaphoideus titanus* Ball, transmissor da doença da Flavescência Dourada (*Grapevine Flavescence dorée phytoplasma*), nem os respetivos tratamentos recomendados.

No dia 21 de julho de 2025 a DGAV aprovou, na forma de Autorização Excepcional de Emergência n.º 2025/38, ao abrigo do art.º 53 do Regulamento (CE) n.º 1107/2009, de 21 de outubro, a utilização do produto TEBUCONAZOL VALLÉS para controlo da podridão da castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi*). Trata-se de um fungicida sistémico, cuja aplicação pode ser realizada desde a abertura das flores femininas até ao início do desenvolvimento do fruto, podendo, contudo, afetar a polinização se for aplicado durante a floração. O uso deste produto deverá ser realizado com adequado acompanhamento técnico e, segundo as recomendações da respetiva ficha técnica, quaisquer falhas de eficácia do mesmo são da exclusiva responsabilidade do utilizador.

Segundo declarações dos agentes comerciais que vendem este produto, a sua aplicação está a ser recomendada logo no surgimento da flor feminina e do ouriço, podendo ser aplicado em conjunto com um adubo foliar.

No dia 08 de agosto a Estação de Avisos do Douro e a Estação de Avisos do Norte Transmontano emitiram as Circulares 10/2025 e 11/2025, respetivamente, com recomendações para o terceiro tratamento obrigatório contra a Cigarrinha da Flavescência Dourada (*Scaphoideus titanus*), bem como outras indicações para o controlo da Traça da Uva, Cigarrinha Verde e Esca da Videira. Foram ainda deixados alertas para a prevenção do fenómeno do Escaldão das uvas (previsível, face às condições climatéricas).

Da Circular consta uma lista de inseticidas homologados para as pragas em causa.

Face às condições meteorológicas registadas no final do mês, a Estação de Avisos do Norte Transmontano emitiu, a 29 de agosto, a Circular 12/2025, com alertas para a cultura do castanheiro, nomeadamente para o risco de ocorrência de Bichado da Castanha (*Cydia splendana*) e de Septoriose (*Mycosphaerella maculiformis*) e dos meios de luta disponíveis.

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 *Entre Douro e Minho*

As culturas de cereais praganosos de outono/inverno destinam-se, regra geral, ao autoconsumo e autoutilização nas próprias explorações. As colheitas dos cereais (trigo e aveia) foram concluídas com produções idênticas às do ano anterior. O centeio teve um ligeiro aumento de produção, relativamente ao ano anterior (+1%).

3.2 *Trás-os-Montes*

A campanha das ceifas dos cereais na Terra Fria decorreu sem percalços e neste momento já se encontra concluída.

No início do mês ainda foi possível observar o corte das diferentes parcelas de cereais no concelho de Vinhais e nos terrenos de baixa em Bragança. No final do mês os produtores terminavam o acondicionamento e comercialização dos fardos/rolos (ver foto 40) e do

grão (ver fotos 38 e 39). As produtividades – quer em palha, quer em grão – foram superiores, quando comparadas com os valores do ano anterior.

No geral os produtores estão satisfeitos com a campanha das culturas cerealíferas, com o grão a apresentar um bom peso específico e de qualidade, indicativos que podem ser comercializados para a panificação, para além do comum uso para a alimentação animal.



Figura 38. Carregamento de cereais para comercialização, agosto de 2025, Bragança



Figura 39. Aspeto do centeio para comercialização, agosto de 2025, Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 40. Aspeto dos rolos de palha, agosto de 2025, Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

Neste momento o valor da palha é igual ao do ano anterior, uma vez que estamos perante um ano com muita disponibilidade deste alimento grosseiro (à semelhança do ano anterior) e, segundo os produtores, o preço no mercado mantém-se. Ainda segundo os produtores e os proprietários das debulhadoras, esta campanha foi classificada, no geral, como muito boa, assumindo valores normais para a área de observação.

No Planalto Mirandês, e salvo raras exceções de parcelas ainda por segar, a campanha de corte dos cereais de grão encontra-se terminada.



Figuras 41 e 42. Últimas searas por ceifar – no caso, parcela de centeio e respetivas espigas, sãs e livres de parasitas – Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Desde a sementeira até à ceifa tudo decorreu dentro da normalidade e os cereais encontravam-se em muito bom estado vegetativo, com este a ser um ano com produtividades e produções semelhantes a 2024, quer em termos de grão, quer em termos de palha (excetuam-se as situações em que a presença de herbáceas espontâneas reduziu a quantidade de palha). Quanto ao grão, e segundo nos foi referido, apresentava um bom calibre, peso e estado.



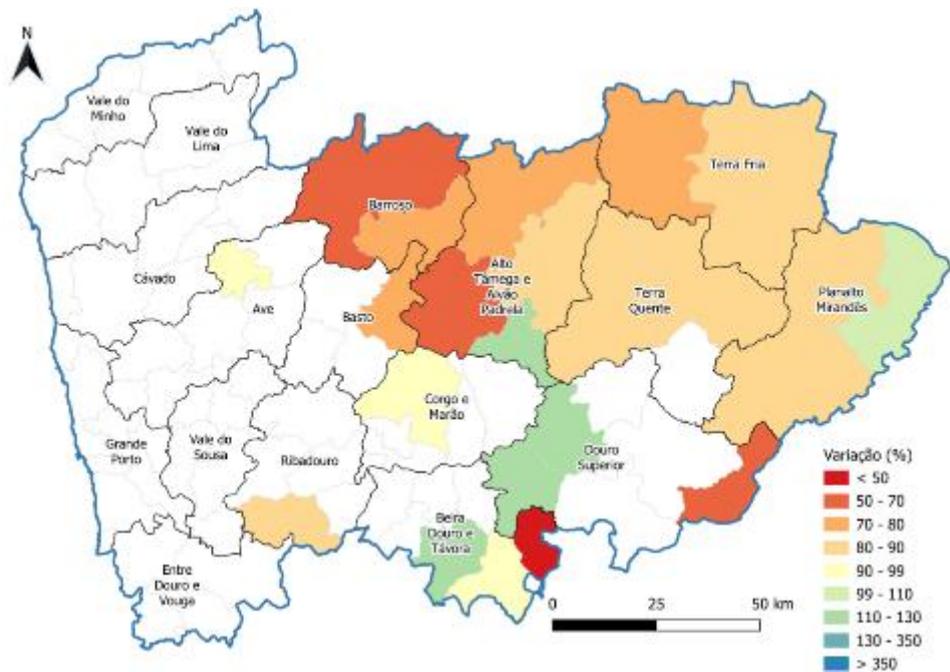
Figura 43. Rolos de aveia ainda por recolher, Vila de Ala - Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figura 44. Recolha de fardos de palha de tritcale (neste caso e no da foto anterior, os proprietários alegam ter produtividades semelhantes às de 2024), Sanhoane - Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Mapa 1. Evolução da produção de centeio grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

4 Milho Grão de Regadio

4.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 45. Milho de regadio com um desenvolvimento vegetativo normal, Sopo – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves



Figura 46. Parcela de milho de sequeiro semeado tarde e cuja espiga não se formou, Formariz – Paredes de Coura, zona de observação do Minho

As sementeiras de milho, tanto de sequeiro como de regadio, foram realizadas mais tarde do que o habitual, devido às chuvas que deixaram os campos encharcados, atrasando os trabalhos agrícolas.



Figura 47. Milho grão de sequeiro sem bandeira, Valongo, zona de observação do Grande Porto
Foto por: Isabel Correia

No corrente mês, as culturas encontram-se nas últimas fases do ciclo reprodutivo, com um rápido desenvolvimento favorecido pelo calor. Nos milhos de regadio, o desenvolvimento vegetativo é diferente – dependendo se estão localizados em solos arenosos ou em solos com mais matéria orgânica. Nestes últimos, o aspeto vegetativo é normal, mas nos solos arenosos, apesar do incremento das regas, os milhos estão mais baixos e têm espigas mais pequenas.

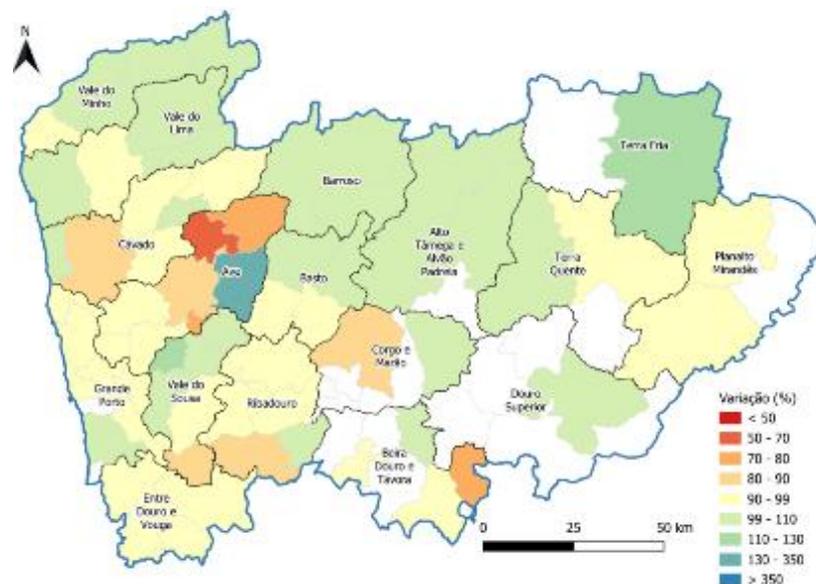
Já o milho de sequeiro, em certas zonas, está menos desenvolvido e com sinais de stress hídrico.

Com o objetivo de acelerar a maturação, há registo de agricultores que cortam o pendão (bandeira), que é depois utilizado para a alimentação animal. Além disso, muitos agricultores têm prejuízos provocados por animais, nomeadamente javalis e texugos, que pisam e estragam as colheitas. Esta situação desanima bastante os agricultores.

A estimativa de produtividade do milho grão de sequeiro aponta para uma diminuição (-7%), da mesma forma que a do milho grão de regadio, que embora menor (-2%), também é inferior à do ano anterior.

4.2 Trás-os-Montes

Apesar da cultura ainda não se encontrar numa situação de stress hídrico, é notório que as plantas estão menos viçosas que no mês de agosto do ano anterior (ver fotos 48 a 50).



Mapa 2. Evolução da produtividade de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024



Figuras 48, 49 e 50. Da esquerda para a direita e de cima para baixo, respetivamente: parcela de milho em 05.08.2025, 15.07.2025 e 13.08.2024, Penas Roias – Mogadouro

Note-se a diferença não só de 2024 para 2025, mas também de julho para agosto deste ano

Fotos por: Miguel Martins

5 Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão

5.1 *Entre Douro e Minho*

Na horta familiar, após a cultura da batata, semeia-se o feijão.

A maior parte das sementeiras está neste momento na fase da maturação.

Houve boas condições para a floração e vingamento e prevê-se uma produtividade ligeiramente inferior (-1%), por comparação com o ano transato.



Figura 51. Feijão em Terras de Bouro, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

5.2 Trás-os-Montes



Figura 52. Aspeto de feijão-frade (já em processo de secagem),
oriundo de uma horta em Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

Como já foi referido em Boletins anteriores, as culturas do feijão e do grão-de-bico surgem, em TM, quase sempre no contexto de horta familiar, ocupando boa parte da área (que se torna, por isso, difícil de apurar com exatidão). Contudo, nesta fase as leguminosas já iniciaram o processo de secagem no interior da vagem.

6 Batata | Hortas familiares

6.1 Entre Douro e Minho



Figuras 53 e 54. Colheita de batata de regadio, 03.08.2025, Vila Verde – Braga, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

Decorrem as últimas colheitas da batata, este ano mais atrasadas já que as plantações foram mais tardias. Foram realizadas com bom tempo, garantindo boas condições não só para a colheita, mas também para o transporte e armazenamento.

Confirma-se menos produção na batata de sequeiro (-6%) e de regadio (-1%), por comparação com o ano passado.

As batatas aparentemente estão sãs, embora estejam contaminadas e a apodrecer no armazém, obrigando a um controlo regular.

O calibre é médio a pequeno, devido às más condições da formação do tubérculo.

Na zona de observação do Cávado o preço de venda mantém-se idêntico ao do ano passado, enquanto na zona de observação do Grande Porto o preço está muito baixo (metade ou menos que no ano passado). Isto deve-se à importação de batata francesa, conservada em câmaras frigoríficas.

6.2 Trás-os-Montes

Relativamente à cultura da batata de sequeiro da Terra Fria, já se observam algumas áreas colhidas. Segundo os produtores, este ano a batata é de qualidade razoável e, à semelhança do ano anterior, o calibre é muito irregular (ver foto 55).

Quando comparada com a campanha anterior, prevê-se que a quantidade de batata de regadio seja ligeiramente superior (+5%), o que se irá traduzir em produtividade e produção total também elas superiores. Na batata de sequeiro a qualidade é inferior, o calibre é muito irregular e a produtividade será semelhante à do ano anterior.

A batata produzida em regime de regadio tem a rama praticamente toda seca e ao que tudo indica, o calibre também será irregular. Prevê-se que a colheita desta batata na Terra Fria só tenha início em setembro, sendo que nas localidades de cota mais elevada (como Rebordelo, Martim, Zoio e Carrazedo) a colheita só está prevista para outubro.



Figura 55. Aspeto da batata, agosto de 2025, Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 56. Aspeto das hortas familiares, agosto de 2025,

Gimonde – Bragança

As hortas familiares apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, sendo cada vez mais diversificadas e disponibilizando os diferentes legumes de excelente qualidade.

Os produtores declaram que “quem tem uma horta, tem um grande governo em casa”, uma vez que as hortas na região são muito produtivas. Para isso contribuem as regas, que são priorizadas para a horta e para a batata, de forma a manter as plantas em excelentes condições vegetativas.

Relativamente à cultura da abóbora, as plantas secaram com as ondas de calor e neste momento observam-se poucos frutos e de calibres muito pequenos, sendo um ano de menores produtividades.

Neste momento os produtores semeiam os nabos forrageiros, para que no próximo outono/inverno possam colher nabo para alimentação animal e grelos para consumo humano.

No Planalto Mirandês a batata de sequeiro já foi toda colhida e a produção foi boa, pois na altura da sementeira os solos tinham muita humidade, o que permitiu obter quantidades semelhantes às do ano anterior.

A batata de regadio ainda tem (na maioria dos casos) água disponível, ainda que um pouco menos que em igual período do ano anterior, prevendo-se que isso se venha a refletir na sua produtividade.

As hortas familiares continuam extremamente importantes para a economia doméstica. Encontram-se em bom estado de desenvolvimento vegetativo, permitindo que forneçam uma variedade de alimentos frescos e nutritivos, tal como aconteceu no ano anterior – desde o tomate, cebola, abóbora, alho francês, feijão, feijão-frade, courgette, alface, melão, melancia e demais hortaliça.



Figuras 57 a 59. Horta familiar em Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 60 e 61. Aspeto de courgette e tomate na mesma parcela de horta, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 62. Antigo poço/reservatório de água de uso alternado, para rega de meia dúzia de proprietários de hortas a jusante, Mogadouro.

A propósito da relevante questão da água, é de referir que este nascente ainda repõe a água após o uso, mas de forma mais lenta desde meados do mês de julho, i.e., os recursos hídricos estão lentamente a diminuir

Foto por: Miguel Martins

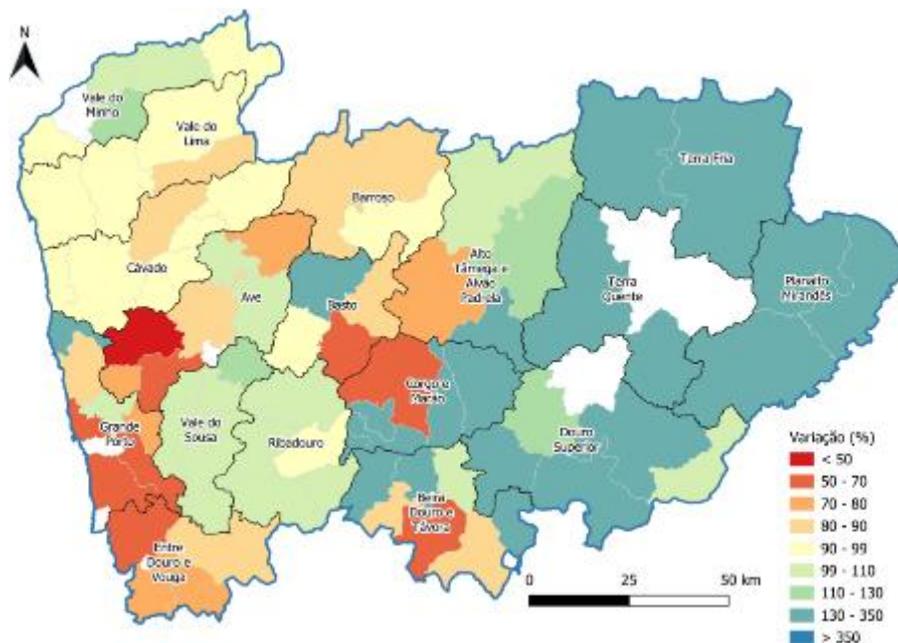
No Douro Sul, grande parte da batata de regadio também já foi colhida e os produtores referem ter obtido quantidade semelhante à do ano anterior.



Figura 63. Parcela plantada com batata de regadio, 14.07.2025, Armamar

Figura 64. A mesma parcela, após a colheita da batata, 26.08.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca



Mapa 3. Evolução da produção de batata de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

As hortas continuam a proporcionar aos seus proprietários os legumes próprios da época de verão – tomates, pepinos, pimentos, alfaces, feijão e muito mais – mas de forma menos exuberante que em idêntico período do ano anterior.



Figura 65. Horta familiar, 06.08.2024, Armamar



Figura 66. A mesma parcela de horta familiar, 26.08.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

7 Fruticultura

7.1 *Entre Douro e Minho*

Actinídeas (kiwi)

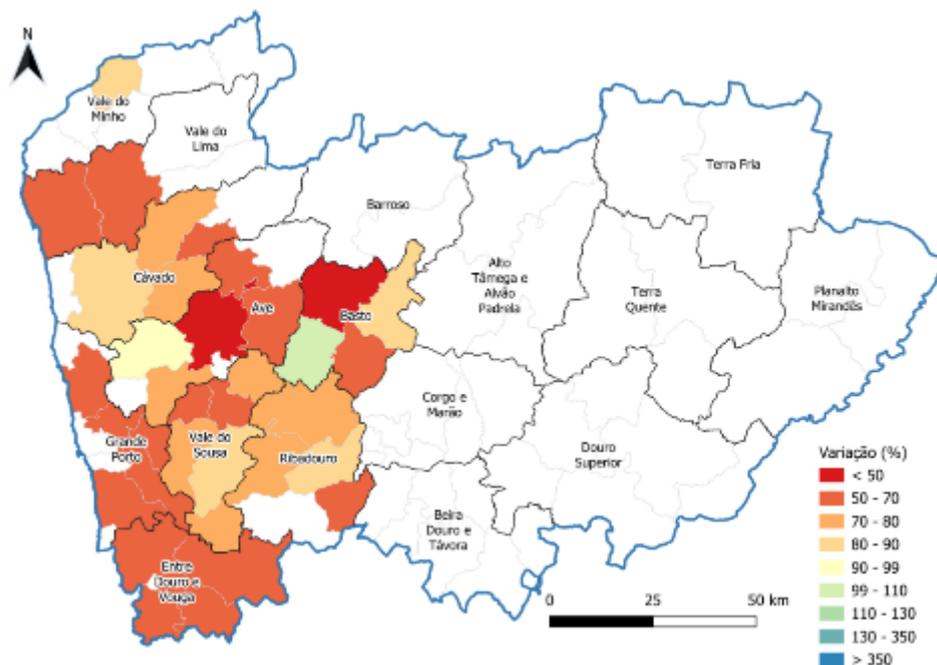


Figura 67. Pomar de kiwi "Arguta", próximo da data de colheita, que apresenta bom estado vegetativo, S. Martinho de Coura – Paredes de Coura, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 68. Pomar de kiwi, 21.08.2025, Várzea - Felgueiras, zona de observação do Sousa
Foto por: Joaquim Moreira

Os pomares estão na fase de crescimento dos frutos e a persistência de temperaturas elevadas nas últimas semanas tem provocado alguma estagnação desse processo. Registaram-se alguns danos por escaldão, mas sem significado.



Mapa 4. Evolução da produtividade do kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

As reservas de água têm sido suficientes para alimentar os sistemas de rega da cultura, mas observa-se uma heterogeneidade no calibre dos frutos e na produtividade dos pomares – encontramos pomares com perspectiva de produção muito boa e outros com baixa produtividade.

Já se iniciou a colheita do kiwi “Arguta”, que vai continuar por mais três semanas. De modo geral, estima-se uma produtividade superior à do ano passado (+15%).

Amendoeiras, Nogueiras, Castanheiros

No EDM observam-se noqueiras com bastantes frutos e, portanto, a estimativa é de uma produção superior à do ano passado.

OS castanheiros apresentam sinais de bom desenvolvimento vegetativo, sem problemas fitossanitários e com bastantes ouriços e perspectivas de boa qualidade.

A previsão de produtividade da amêndoa é que seja igual à do ano passado.



Figura 69. Castanheiros com ouriços formados, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 70. Castanheiro, 21.08.2025, Gondalães - Paredes, zona de observação do Sousa
Foto por: Joaquim Moreira

Citricos

A produção da campanha que terminou foi semelhante à da campanha anterior (-2%). As plantas apresentam desenvolvimento normal, sem problemas fitossanitários e na última primavera a floração das laranjeiras, clementinas e tangerineiras foi abundante, mas o vingamento dos frutos foi bastante baixo, pelo que a produtividade da próxima campanha será inferior. Recordamos que, regra geral, esta produção advém de pequenos pomares familiares e é para autoconsumo.

Figueiras

As elevadas temperaturas do mês de agosto provocaram escaldão e maturaram rapidamente os figos, com os frutos a apresentar qualidade inferior – textura “encortiçada” devido à seca e pouco doces. A produtividade também foi inferior à do ano anterior (-1%), o que justifica o elevado preço ao consumidor.

Mirtilos

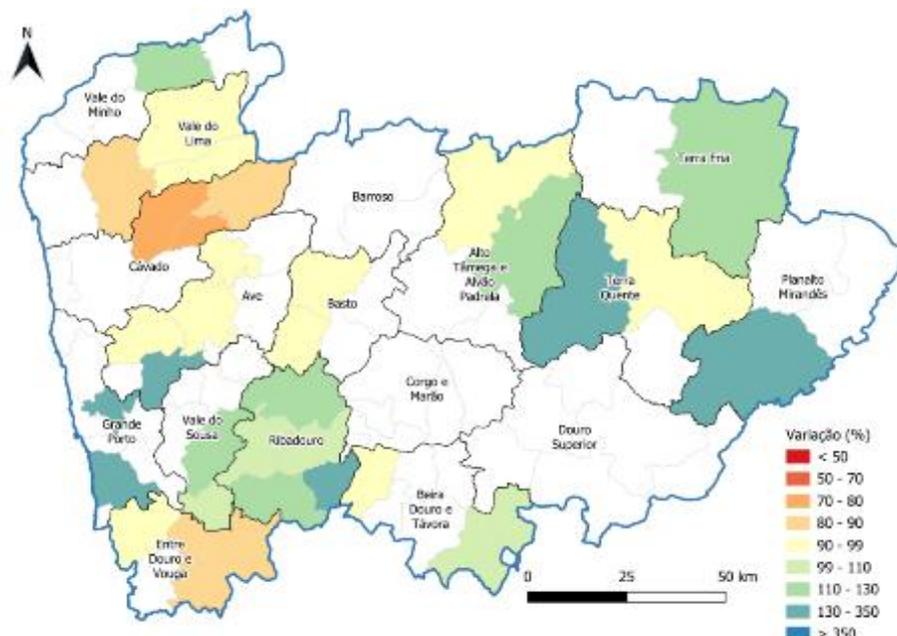
Há concelhos onde a colheita do mirtilo ainda decorre e outros onde já terminou.

Embora as altas temperaturas tenham acelerado as maturações e originado uma elevada taxa de rejeição (devido à fruta estar muito madura), confirmamos as previsões anteriores de que há mais fruta comercializável (+15%) em relação ao ano passado.

Não se registou tanta incidência da Mosca (*Drosophila suzukii*), já que “*acima de 30°C a fertilidade dos machos é afetada*”, tornando os ovos inviáveis (in “Estudo da *Drosophila suzukii* em três culturas- framboesa, kiwi arguta e mirtilo, no noroeste de Portugal, da autoria de Maria Cristina Salgueiro Ferreira Moniz), o que originou menor percentagem de fruta depreciada.

Em localizações mais expostas, a variedade “Legacy” sofreu escaldão e, em alguns locais, desidratação.

Continuam a registar-se problemas com a falta de mão de obra, mas atualmente há mais recurso a mão de obra local.



Mapa 5. Evolução da produção do mirtilo por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Pessegueiros

A previsão da produção de pêsego é de um aumento (+3%) em relação ao ano passado.

Pomóideas

Na sub-região do EDM, regista-se uma pequena quebra de produtividade nas macieiras e nas pereiras (-3%), resultante de dificuldade no vingamento dos frutos.

No entanto, como boa parte das pequenas áreas não são regadas ou são-no pelo método tradicional e não são tratadas, verifica-se queda do fruto, provocada sobretudo pela picada da Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*).

Além disso, há registos de Pedrado e Bichado da fruta, sobretudo porque nas explorações com árvores dispersas os proprietários não realizam tratamentos preventivos.



Figura 71. Macieira – frutos em crescimento/maturação, Vila Verde – Braga, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

7.2 Trás-os-Montes

Amendoeiras, Azeleiras, Nogueiras, Castanheiros

Contrariamente ao que indicámos no Boletim do mês anterior, as previsões para algumas culturas permanentes em Trás-os-Montes ficarão muito aquém do esperado.

E tudo isto em resultado dos graves incêndios que afetaram a produção agrícola na região, atravessando de forma transversal muitas das culturas permanentes aí existentes.

Nas zonas onde não ocorreram incêndios as previsões mantêm-se inalteradas, mas nas restantes as previsões caem drasticamente.

A amendoeira apresenta-se como uma dessas culturas, que nas zonas não afetadas está a terminar o seu ciclo vegetativo em bom estado.

Na Terra Fria já se iniciou a campanha da apanha (em Rebordelo), que decorre dentro da normalidade.

Nas zonas mais a oeste/sudoeste da sub-região, algumas plantas apresentam os crescimentos terminais do ano queimados e sem folhas, sintoma típico da ocorrência de Moniliose (*Monilia* spp.). No entanto, e segundo informações dos produtores, não se preveem impactos significativos na produção.



Figura 72. Aspeto do pomar e das amendoeiras em regime de sequeiro, agosto 2025, Vinhais



Figura 73. Pormenor da amêndoa, agosto 2025, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

As plantas apresentam maior número de frutos e de calibres superiores, prevendo-se que aqui a produtividade seja superior, se compararmos com o ano anterior. Existem muitos pomares jovens a entrar em plena produção e, segundo os produtores, a produção total será maior em cerca de 10%.

No Planalto Mirandês estima-se que a apanha da amêndoa se inicie no final do mês de agosto ou final de setembro. Apesar da vaga de calor, e de acordo com aquilo que foi observado em campo e relatado pelos produtores, o fruto/grão já endurecido encontra-se em bom estado, sendo visível bastante amêndoa quer nas plantas adultas em plena produção, quer nas plantas jovens, embora se preveja menor produtividade que em 2024.



Figuras 74 e 75. Aparência de amêndoas de plantas jovens (o grão já se encontra duro), Castelo Branco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 76 e 77. Pormenor de casca exterior da amêndoa já abrir, e aspeto de amêndoas numa árvore adulta, Castelo Branco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No Douro Superior, os concelhos com maior área de amendoal – Freixo de Espada-à-Cinta, São João da Pesqueira, Torre de Moncorvo, Vila Flor e Vila Nova de Foz Côa – foram bastante afetados pelos incêndios de agosto, com perdas significativas de área e produção/productividade.

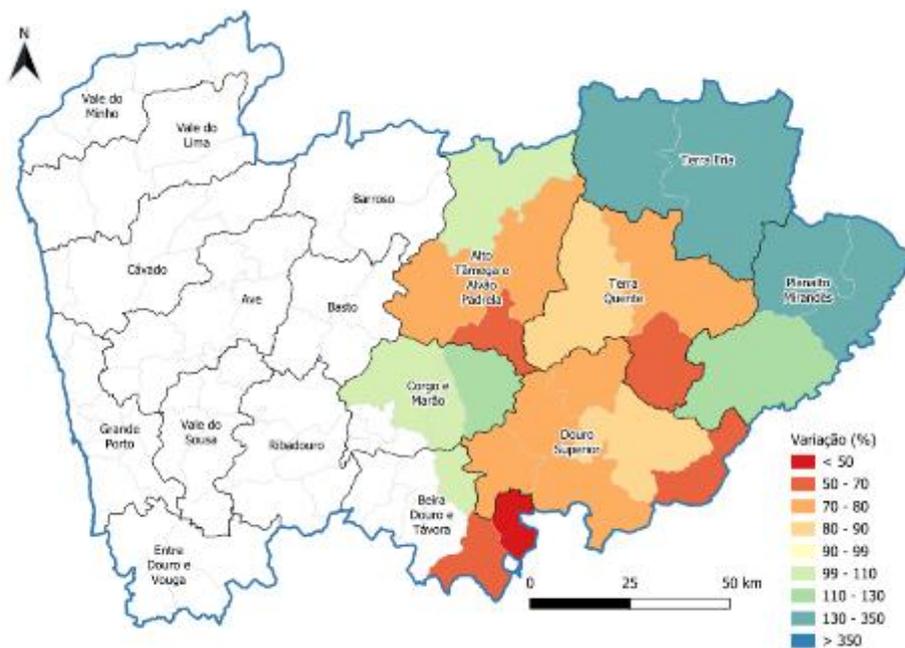
Tanto arderam pomar jovens como outros mais velhos, cuja amêndoa estava pronta a ser colhida. As perdas ainda não estão totalmente contabilizadas, mas prevê-se que sejam bastante elevadas.

Nos locais mais quentes e não afetados pelo fogo, a amêndoa já começou a ser colhida e posta a secar, para posteriormente se proceder ao seu descasque e britagem.



Figuras 78 a 81. Amendoais e pormenor da amêndoa no concelho de Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes



Mapa 6. Evolução da produtividade da amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Na Terra Quente, em particular no concelho de Mirandela, prevê-se uma diminuição da produtividade média relativamente ao ano anterior na ordem dos 40%. Por outro lado, também se prevê um aumento do preço deste produto, que poderá atingir os 25%, face ao registado na campanha anterior.

Este aumento justifica-se não só pela diminuição das quantidades produzidas, mas também como consequência da “guerra comercial” com os Estados Unidos, com uma possível e impactante redução da importação de amêndoa da Califórnia.

A cultura da avelã na Terra Fria tem um forte potencial para se expandir, mas as condições meteorológicas são fator limitante para atingir a produtividade ótima. A ausência de precipitação nos meses de junho a agosto tem um grande impacto nesta cultura, uma vez que requer precipitação regular.

Este ano a floração foi excelente e o vingamento dos frutos foi bom, mas neste momento observam-se muitas folhas e muitos ramos secos, indicativo que as plantas estão em stress hídrico. O calibre dos frutos é inferior, mas estes são em maior número que na campanha anterior, pelo que a previsão aponta no sentido de a campanha deste ano seja ligeiramente mais produtiva e com maior produção total.



Figura 82. Aspeto da avelã, agosto 2025, Vinhais



Figura 83. Aspeto da avelã, agosto 2025, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

A cultura da noz na Terra Fria apresenta-se em excelente estado vegetativo (ver fotos 84-87), com os frutos em crescimento, em maior número e com calibres também superiores, quando comparado com o ano anterior, pelo que os produtores preveem uma campanha mais produtiva.

Relativamente ao calibre dos frutos, ainda é difícil fazer uma previsão, mas os produtores declaram que o calibre dominante poderá ser inferior a 32mm.

As regas foram intensificadas, para que as nozeiras mantenham o ritmo de crescimento dos frutos, sem que sejam afetadas pelas temperaturas elevadas, tentando obter calibres superiores – mais valorizados na comercialização e com venda assegurada.

Em termos sanitários, os produtores afirmam terem realizado o mesmo número de tratamentos da campanha anterior, sem que este ano as nozeiras apresentem problemas fitossanitários.



Figura 84. Aspeto de um pomar de nozes em regime de sequeiro, agosto 2025, Gostei - Bragança



Figura 85. Aspeto das nozes em regime de sequeiro, agosto 2025, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 86. Aspeto de um pomar de nozes em regime de sequeiro, agosto 2025, Quintela - Vinhais



Figura 87. Aspeto das nozes em regime de sequeiro, agosto 2025, Quintela - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 88. Nogueira com sintomas de Bacteriose, 26.08.2025, Moimenta da Beira

Foto por: Suzana Fonseca

No Douro Sul as árvores têm uma quantidade significativa de frutos, mas que nesta fase começam a manifestar sintomas de Bacteriose, com a casca verde dos frutos a apresentar necroses escuras (ver foto 88).

Associada aos incêndios de grande dimensão que assomaram a região transmontana, regista-se a perda de uma grande área de castanheiros (ainda por quantificar), em particular nos concelhos de Sernancelhe, Penedono, Moimenta da Beira, Tabuaço, Vila Real e Vila Pouca de Aguiar.

Nestas regiões a campanha decorria de forma muito favorável, aguardando apenas alguma precipitação durante o mês de agosto.



Figura 89. Souto com grande quantidade de ouriços e em boas condições sanitárias, 26.08.2025, Sarzedo, Moimenta da Beira

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 90. Souto com grande quantidade de ouriços e em boas condições sanitárias, 26.08.2025, S. Martinho das Chãs - Armamar



Figuras 91 e 92. Soutos completamente ardidos, 26.08.2025, Souto - Penedono

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 93. Souto jovem completamente queimado, 26.08.2025, Souto - Penedono

Figura 94. Castanheiros adultos e de grande porte totalmente destruídos pelo fogo, 26.08.2025, Souto - Penedono

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 95. Souto adulto em plena produção, 29.10.2024, Sernancelhe

Figura 96. Souto adulto completamente queimado, 26.08.2025, Sernancelhe

Fotos por: Suzana Fonseca

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES

Neste momento, estima-se que em Penedono e Sernancelhe (concelhos no “coração” dos Soutos da Lapa DOP) se tenha perdido pelo menos 80% da produção deste ano, restando saber se será possível recuperar alguma da área ardida ou se, em alternativa, será possível viável replantar os soutos que ficaram totalmente destruídos.

Numa tentativa de salvar os castanheiros que não tenham ficado completamente destruídos, recomenda-se a rega abundante por baixo da copa das árvores (evitando o escorrimento), associada à aplicação de adubo azotado no mesmo local.

No Planalto Mirandês, região pouco afetada pelos incêndios deste verão, encontramos os soutos em bom estado sanitário e com bom desenvolvimento vegetativo. Não existem relatos de ataques de fungos ou pragas nesta cultura (não que sejam inexistentes, mas apenas são em número reduzido).

As plantas apresentam as últimas flores já secas e estão em plena frutificação, possuindo ouriços em quase todas as árvores, com bom calibre e em bom estado de desenvolvimento.

Contudo, a não ocorrência de precipitação nas últimas semanas e, provavelmente, durante as próximas, levam os produtores a prever uma ligeira quebra na produção de castanha, face ao ano de 2024.



Figuras 97 e 98. Castanheiro adulto de porte médio a grande e pormenor dos seus ouriços, Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 99 e 100. Castanheiro adulto de porte médio a grande e pormenor dos seus ouriços, Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Fria as plantas estão em plena frutificação e os ouriços estão na fase de engrossamento, sendo bem visíveis em todas as variedades e em quantidade superior, quando comparado com igual período do ano anterior (embora com tamanho menor).

Os produtores de castanha afirmam que as condições meteorológicas de agosto não foram as ideais, mas que as descidas de temperatura sentidas a partir do dia 18 associadas a alguma precipitação ocorrida, aliviaram um pouco o stress hídrico a que a cultura estava sujeita.



Figura 101. Pomar de castanheiros, queda de ouriços, Moredó - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 102. Aspeto dos ouriços caídos, Moredó - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

A partir da terceira semana de agosto observou-se a queda considerável e anormal de muitos ouriços jovens, que os produtores associam à onda de calor que se fez sentir na primeira quinzena do mês (ver fotos 101 e 102).

O mês de setembro será determinante para que a castanha cresça e para que o castanheiro se mantenha saudável e sem problemas fitossanitários. O receio de que volte a ocorrer Septoriose e Podridão da Castanha é muito grande, pois estes fungos desenvolvem-se exponencialmente quando há muita humidade no final do verão e grandes oscilações térmicas e temperaturas muito elevadas no final do ciclo da castanha. Recordamos que o Serviço de Avisos emitiu uma Circular a este respeito, no final do mês de agosto.



Figura 103. Pomar de castanheiros, agosto 2024, Terroso - Bragança



Figura 104. Aspeto dos ouriços, agosto 2024, Terroso - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 105. Pomar de castanheiros, agosto 2025, Terroso - Bragança



Figura 106. Aspeto dos ouriços, agosto 2025, Terroso - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

MESMA PARCELA, MESMO RAMO, ANOS DIFERENTES



Figura 107. Pomar de castanheiros, agosto 2024, Vilar de Ossos - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 108. Aspeto dos ouriços, agosto 2024, Vilar de Ossos - Vinhais



Figura 109. Pomar de castanheiros, agosto 2025, Vilar de Ossos - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 110. Aspeto dos ouriços, agosto 2025, Vilar de Ossos - Vinhais

MESMA PARCELA, MESMO RAMO, ANOS DIFERENTES

No concelho de Valpaços (Terra Quente), os castanheiros apresentam um bom número de ouriços e com boas dimensões. O aspeto vegetativo é bem melhor que o verificado em anos anteriores (por motivos de septoriose), mas constata-se diversos ataques provocados pela Vespa-das-Galhas (*Dryocosmus kuriphilus*) que se expandem cada vez mais, causando graves prejuízos. Ainda assim, a perspetiva é de haja um acréscimo na produtividade de cerca de 20%, se compararmos com o ano anterior.



Figuras 111 e 112. Castanheiros e pormenor dos ouriços, concelho de Valpaços

Fotos por: Paulo Guedes



Figuras 113 e 114. Castanheiros e pormenor dos estragos provocados pelas galhas, concelho de Valpaços

Fotos por: Paulo Guedes

Pomóideas

No Douro Sul, região de excelência na produção de maçã a nível nacional, a evolução da maturação levou a que a colheita se iniciasse na terceira semana de agosto, começando pela variedade Royal Gala. Segundo referido pelos produtores, apesar da maçã se encontrar no ponto de maturação correto, as altas temperaturas de agosto inviabilizaram uma correta coloração da casca, que tem tido dificuldade em adquirir a tonalidade vermelho raiada que a caracteriza. O arrefecimento do final do mês será importante para concluir esta fase do processo.



Figuras 115 e 116. Macieiras sãs, das variedades Royal Gala (esq.) e Golden Delicious (dir.), 26.08.2025, Britiande – Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca

Nesta fase encontramos pomares com boa quantidade de maçã de qualidade – bons calibres, bom °Brix e bom estado sanitário – mas também é possível encontrar situações em que os frutos apresentam sintomas de pedrado (ainda que devidamente tratado), com calibres pequenos e em menor quantidade que no ano anterior.



Figuras 117 e 118. Macieiras com ataque severo de pedrado, 26.08.2025, Armamar (esq.) e Moimenta da Beira (dir.)

Fotos por: Suzana Fonseca

Ainda é cedo para fazer uma previsão quanto à produção/produtividade para este ano, mas tudo indica que a quantidade de fruto colhida seja ligeiramente inferior à de 2024.

Regista-se a perda de alguns pomares em resultado dos incêndios (no Douro Sul).

Ainda que em pequena escala, no Planalto Mirandês contabiliza-se nos últimos anos alguma área de pomóideas (essencialmente maçã), cujos frutos se apresentam sãos e com um desenvolvimento e calibre normais, aguardando-se produtividades semelhantes à da época passada.



Figuras 119 e 120. Pomar de macieiras e aspeto das maçãs, Azinhoso - Mogadouro

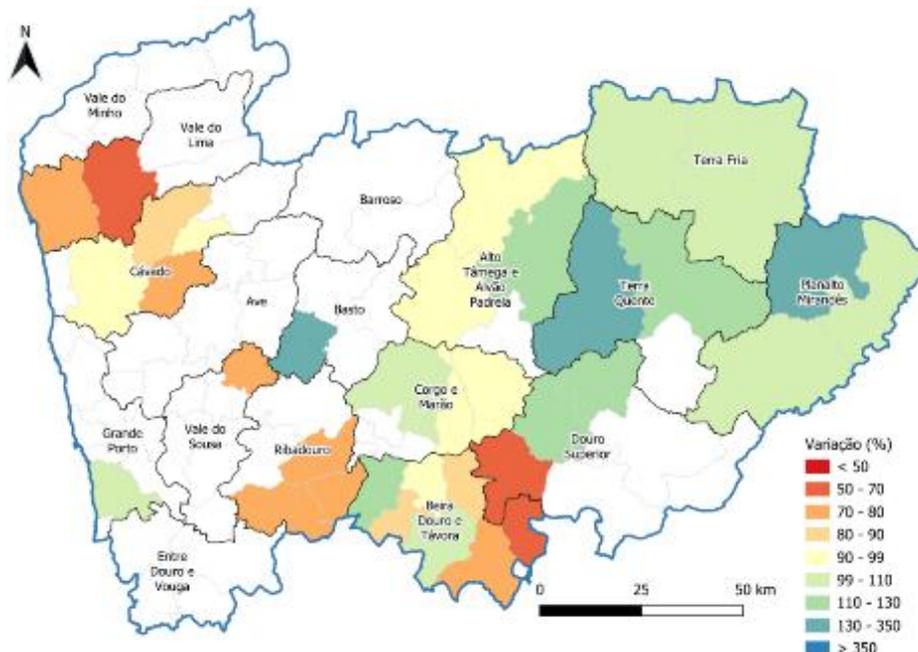
Fotos por: Miguel Martins

No concelho de Valpaços (Terra Quente), a colheita da maçã deverá iniciar-se nos primeiros dias de setembro. Apesar das dificuldades no controlo do pedrado durante os meses mais chuvosos, obtiveram-se frutos de bons calibres e, tudo indica, de boa qualidade. Prevê-se que as quantidades produzidas sejam as normais para esta região.



Figuras 121 e 122. Pomar de macieiras e pormenor das maçãs, Valpaços

Fotos por: Paulo Guedes



Mapa 7. Evolução da produtividade de maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Sabugueiros

Durante o mês de agosto, os sabugueiros atingiram a maturação completa, tendo-se dado início à colheita.



Figuras 123 e 124. Baga de sabugueiro pronta a colher, 26.08.2025, Meixedo - Tarouca

Fotos por: Suzana Fonseca

Figueiras

No concelho de Mirandela – região produtora de figos em TM – as condições meteorológicas que se fizeram sentir durante o mês de agosto provocaram situações de escaldão e maturações forçadas dos figos “vindimos”. Exteriormente o fruto aparenta estar maduro, mas na verdade não teve tempo suficiente para se desenvolver, sendo por isso frutos de pequeno calibre. Muitos apresentam-se duros no seu interior, sem consistência nem doçura, deixando de ser interessantes para consumo em fresco, pelo que uma boa parte terá como destino a venda em seco.

A previsão de produtividade do figo fresco aponta para uma quebra acentuada de cerca de 15-20%, comparativamente ao ano anterior.



Figuras 125 a 127. Figueiras no concelho de Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes

8 Vinha

8.1 *Entre Douro e Minho*

Na região do Entre Douro e Minho (EDM), estima-se uma produção de uva de mesa algo inferior à da campanha anterior (-10%).



Figura 128. Vinha da casta "Loureiro", na maturação e em bom estado sanitário, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 129. Vinha da casta "Fernão Pires", 21.08.2025, Santa Margarida – Lousada, zona de observação do Sousa

Foto por: Joaquim Moreira



Figura 130. Castas tintas em ramada, na fase de maturação, Braga, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figura 131. Videira da casta "Loureiro", em vinha com rega gota-a-gota, Valongo, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Isabel Correia

Na região do Alvarinho, a uva para vinho está no final da maturação e a vindima já está a ser feita em algumas vinhas, embora nas principais adegas da região só se tenha iniciado mesmo no final do mês de agosto, ou seja, uma semana mais cedo do que no ano anterior.

Os problemas fitossanitários foram controlados, pois deixaram de estar reunidas as condições propícias à proliferação de pragas e doenças, sendo agora visíveis ligeiros sintomas de Míldio ao nível dos cachos. As altas temperaturas que se fizeram sentir provocaram escaldão em algumas vinhas mais expostas ao sol ou com desfolha excessiva (estragos considerados normais nesta época do ano).

No que respeita à produtividade, prevê-se que seja superior, devido à entrada em produção de vinhas novas, assim como com a entrada em produção de vinha reestruturada no âmbito de um projeto de emparcelamento.

Na restante vinha da sub-região do EDM, os produtores realizaram poda em verde e despontas moderadas. Ocorreu escaldão em algumas vinhas com despontas mais acentuadas, que deixaram as uvas mais expostas, ainda que sem atingir o impacto do ano passado. O tempo seco garantiu o bom estado sanitário das uvas.~

A maturação está mais avançada na casta "Fernão Pires" (mais temporã), logo seguida pela casta "Loureiro". O calendário da vindima é idêntico ao do ano passado, para a maioria dos produtores.

O resultado do controlo de maturação dos bagos colhidos no Entre Douro e Vouga a 18.08.2025 – trabalho conjunto entre a CCDR-N e a CVRVV² para ajudar os viticultores na tomada de decisão sobre a vindima – revela um potencial alcoólico idêntico ao do ano passado e uma acidez mais baixa.



Figura 132. Cachos de uva da casta “Vinhão”, Arcos de Valdevez, zona de observação do Lima

Fotos: Cortesia de Eng.ª Tânia Rodrigues (EVAG/CVRVV)

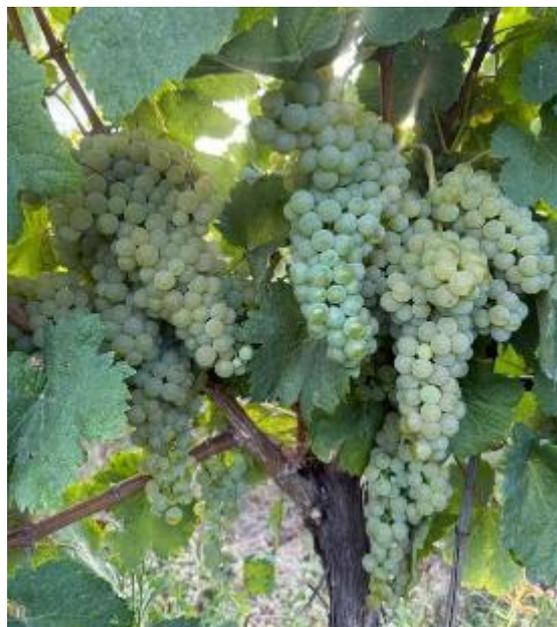


Figura 133. Cachos de uva da casta “Loureiro”, Arcos de Valdevez, zona de observação do Lima

A previsão de produtividade varia bastante entre as zonas de observação, apresentando-se na tabela seguinte a estimativa da variação de produtividade de uva para vinho para a sub-região do EDM:

Zona de observação	Varição 2025/2024 (%)
Ave	103,6
Basto	93,4
Cávado	100
Entre Douro e Vouga	196,5
Grande Porto	95,4
Ribadouro	90,0
Lima	105,1
Minho	103,4
Sousa	90,0
EDM (média ponderada)	99,0

² Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes



Figuras 134 e 135. Vinha de casta tinta no final da maturação, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves

Constata-se que a estimativa é de uma muito ligeira diminuição da produtividade de uva para vinho, quando comparada com a do ano anterior.

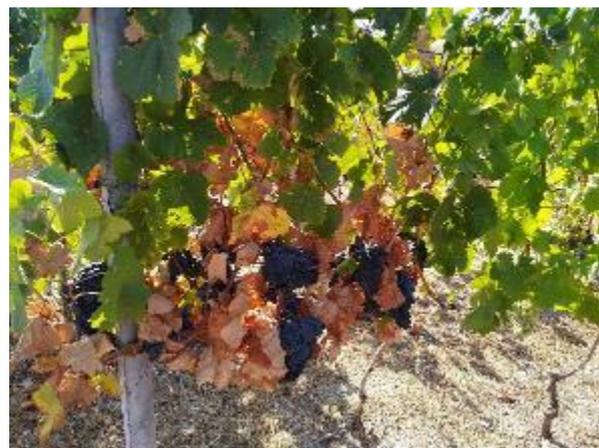
8.2 Trás-os-Montes

Agosto em Trás-os-Montes é quase sempre sinónimo de início de vindimas na Região Demarcada do Douro e este ano não foi exceção – a vindima de uvas brancas começou na segunda semana do mês (a partir de dia 11), em zonas tão distintas como Peso da Régua, Alijó ou Vila Nova de Foz Côa.

As temperaturas elevadas intensificaram a maturação das castas brancas, com o risco de escaldão a levar os produtores/engarrafadores a colher estas uvas enquanto mantêm as características organoléticas desejadas e apropriadas à produção de vinhos brancos de mesa e de espumantes (frescura de boca, cor cítrica, aromas frescos, ...).

Nas castas tintas, ainda por vindimar, é frequente encontrar videiras ou vinhas inteiras com as folhas basais totalmente secas, em resultado das temperaturas muito elevadas que se fizeram sentir. Contudo, e até à data, os cachos não apresentam sintomas de escaldão (ainda que em alguns casos se apresentem desidratados).

Também encontramos vinhas em que o controlo sanitário não foi adequado/suficiente e, que por isso motivo, foram alvo de ataques severos de Oídio.



Figuras 136 e 137. Vinhas com destruição das folhas basais e pormenor dos cachos, 26.08.2025, Espinhosa – São João da Pesqueira

Fotos por: Suzana Fonseca



Figuras 138 e 139. Cachos destruídos por ataque de oídio, bem visível também na vara, 26.08.2025, Várzea de Trevões – São João da Pesqueira

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 140. Cachos desidratados, 26.08.2025, Peso da Régua

Infelizmente, e ao contrário do que seria expectável, também encontramos – essencialmente no concelho de Sernancelhe – vários casos de vinhas totalmente destruídas pelos fogos que atravessaram toda aquela região. Não só se perdeu a colheita deste ano, mas também a própria cultura, que não terá condições de recuperar de um golpe tão intenso (ver fotos 141 e 142).



Figuras 141 e 142. Vinhas consumidas pelo fogo, com perda total das plantas e da produção, 26.08.2025, Sarzeda - Sernancelhe

Fotos por: Suzana Fonseca

Por toda a área de observação da Terra Fria a cultura da vinha, de modo geral, está em bom estado vegetativo e ligeiramente adiantada para a época do ano e para a região.

As temperaturas têm sido muito elevadas o que antecipou a maturação dos cachos (foto 143), já na fase de pintor. Os produtores já fizeram a desfolha nas videiras (foto 144), de forma muito moderada e cuidada, evitando desfolhar as faces da planta voltadas a poente e a sul, para não exporem os cachos ao escaldão devido às temperaturas elevadas e aos raios solares.

Neste momento, os produtores preveem uma campanha ligeiramente menos produtiva, comparativamente ao ano anterior, declarando que, se as condições atmosféricas se mantiverem com temperaturas muito elevadas, as vinhas localizadas em encostas de exposição poente e sul podem ter um decréscimo na produtividade, uma vez que o excesso de calor vai secar os cachos. A maior área de vinha da Terra Fria localiza-se em Rebordelo e os responsáveis da principal unidade de transformação local indicaram que a mesma irá iniciar a laboração na primeira semana de setembro (tanto para a uva branca como para a uva tinta), tal como em igual período do ano anterior.



Figuras 143 e 144. Aspeto da vinha tradicional em regime de sequeiro e pormenor dos cachos para vinho, Ermida - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

Na Terra Quente, mais concretamente no concelho de Vila Flor, as condições não foram as mais favoráveis para a cultura da vinha (na sua generalidade). Para além das dificuldades registadas ao longo da campanha – como o controlo dos ataques de Míldio, Black Rot e Oídio – registaram-se ainda, na fase de maturação, situações de escaldão.

Estima-se uma quebra na produção de uvas para vinho na ordem dos 25%.

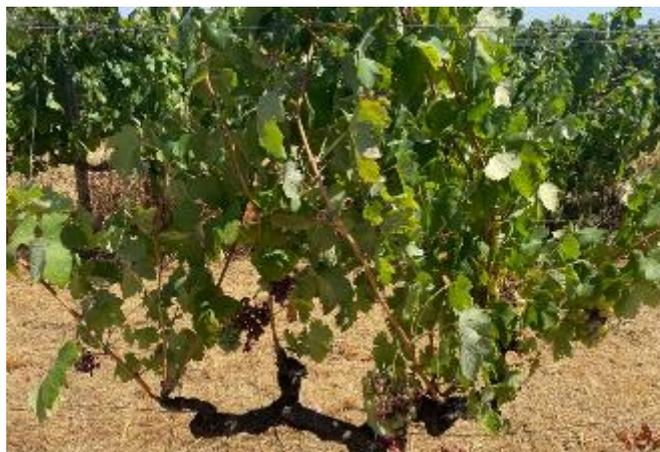


Figura 145. Vinha com estragos provocados por míldio nos cachos, concelho de Vila Flor

Foto por: Paulo Guedes

No Planalto Mirandês ainda não se sabe, para já, quando se iniciarão as vindimas, mas desde o mês de julho que as uvas tintas começaram a "pintar" e, apesar das altas temperaturas verificadas, os cachos estão bem formados e a encher.



Figuras 146 a 148. Vinha velha não aramada e pormenor dos seus cachos, Prado Gatão - Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins

Os produtores estimam que esta campanha será um pouco inferior, em termos de produtividade, à campanha de 2024.



Figuras 149 a 151. Vinha jovem aramada e pormenor dos seus cachos, Prado Gatão - Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins

9 Olival

9.1 *Entre Douro e Minho*

Nos olivais de azeitona para azeite o vingamento acabou por ser razoável.

Sendo este um ano de safra, esperam-se produções bastante superiores às do ano anterior. No entanto, problemas fitossanitários como a mosca da azeitona ou as condições meteorológicas na altura da colheita, serão determinantes para o sucesso desta cultura.



Figura 152. Oliveira com muita azeitona vingada, Lara – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

9.2 *Trás-os-Montes*

Quando observamos os olivais da região transmontana, facilmente constatamos uma grande heterogeneidade na produção, prevendo-se que em alguns concelhos a quantidade de azeitona atingirá este ano valores inferiores aos do ano anterior.

A grande maioria dos olivais são em regime de sequeiro (exceção aos olivais para produção de azeitona de mesa) e as árvores apresentam menos frutos.

As temperaturas muito elevadas levaram a que, nos locais mais secos, as oliveiras comecem a apresentar sintomas de stress hídrico, vendo-se casos em que as azeitonas estão “mirradas” e as folhas encolhidas.



Figuras 153 e 154. Olival com sintomas de stress hídrico, 26.08.2025, Espinhosa – São João da Pesqueira

Fotos por: Suzana Fonseca

Para além disso, e tal como já reportamos para outras culturas, os incêndios provocaram a destruição de uma grande área de olival no Douro Sul.

No concelho de Freixo-de-Espada-à-Cinta, , onde se concentra a produção de azeitona de mesa em Trás-os-Montes, os estragos foram muito grandes e os prejuízos ainda estão a ser quantificados.

Neste concelho ardeu uma área extensa, ficando comprometida a produção deste ano e dos próximos.

Nos restantes concelhos afetados pelos incêndios também se regista a perda de muitos olivais de azeitona para azeite – desde os mais velhos aos mais jovens – que arderam por completo, apesar de terem a vegetação espontânea controlada.



Figuras 155 a 157. Olivais totalmente destruídos pelo fogo, 26.08.2025, Sarzeda – Sernancelhe (em cima) e Trevões – S.J. Pesqueira (esq.)

Fotos por: Suzana Fonseca

Na Terra Fria existem olivais que praticamente não apresentam frutos – como é o caso de Babe, São Pedro de Sarracenos, Outeiro, Milhão e Rio Frio – contrariamente a outros em zonas como Izeda, concelho de Bragança, em que se verifica muita azeitona.

No concelho de Vinhais, mais propriamente Vinhais, Ermida, Cidões e Rebordelo, as oliveiras apresentam muita azeitona e em excelente estado fitossanitário (ver fotos 158 e 159), que nesta fase estão a crescer.



Figuras 158 e 159. Aspeto do olival tradicional em regime de sequeiro e pormenor da azeitona, Ermida – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 Entre Douro e Minho

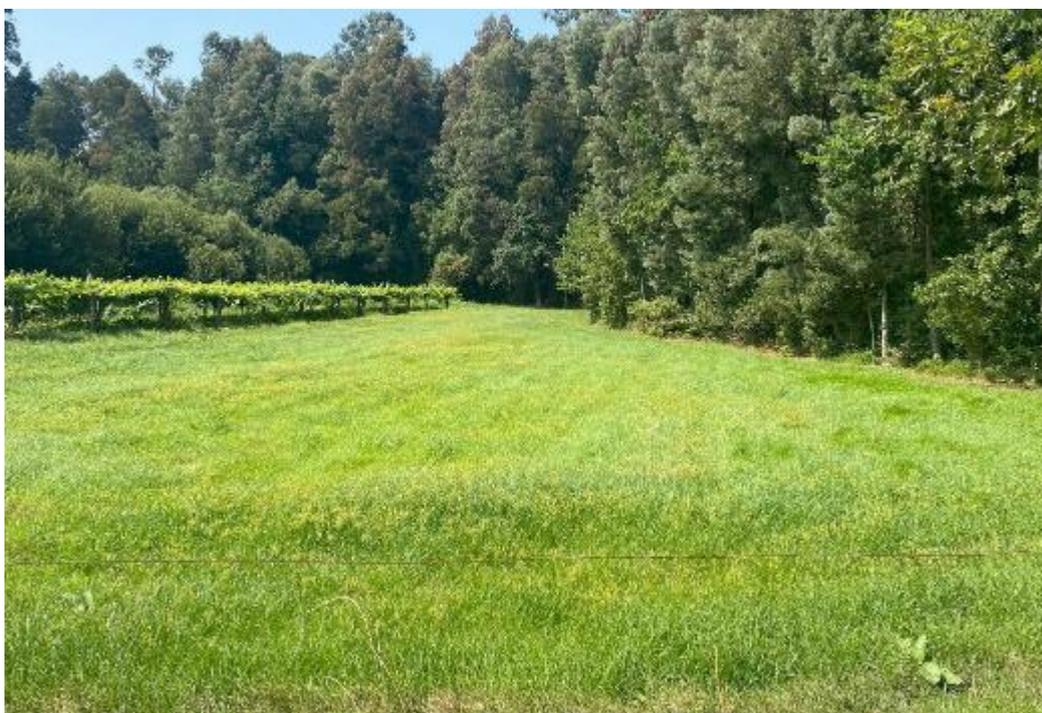


Figura 160. Pastagem melhorada, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

A estimativa de produção dos prados temporários é de uma ligeiríssima diminuição (-1%), relativamente ao ano passado, sendo que, aqueles que foram regados sofreram menos com as elevadas temperaturas do que os prados de sequeiro.

As pastagens permanentes – quer sejam as pobres, quer sejam as semeadas ou melhoradas – apresentam o mesmo comportamento, ou seja, apresentam uma ligeira diminuição (-2% e -1%, respetivamente) na previsão da produção, por comparação com o ano passado.



Figura 161. Animais a pastorear, Soajo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

No milho forrageiro, o estado da cultura varia consoante as datas de sementeira e o tipo de solos.

Os milhos forrageiros estão mais fracos, comparativamente ao ano passado. As áreas de sequeiro são as mais afetadas, com as plantas a ficar secas e os produtores a começar a realizar as primeiras colheitas para silagem, prevendo-se que as quebras de produtividade cheguem aos 40-50%.

Realizaram-se mais regas que no ano passado, o que aumentou os custos de produção.

Perspetiva-se um ano de escassez de silagem, já que a quebra é generalizada na bacia leiteira do EDM, com mais de 5000 hectares de milho forragem, estendendo-se à Beira Litoral, onde produtores dos concelhos de Santa Maria da Feira, Vale de Cambra e Oliveira de Azeméis cultivam ou compram silagem.

Há registo de ataque de Piolho do milho (*Rhopalosiphum maidis*) devido às altas temperaturas, com paragem de crescimento da espiga.



Figura 162. Milho forrageiro no estado de grão pastoso, pronto a ser colhido e com bom desenvolvimento vegetativo, por ter tido muita disponibilidade de água de rega, Verdoejo - Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figuras 163 e 164. Campos de milho forrageiro de sequeiro, Valongo, zona de observação do Grande Porto
Fotos por: Isabel Correia

A produtividade do milho varia em função das condições edafoclimáticas da zona de observação e do nível tecnológico dos agricultores, sendo que há zonas em que a estimativa é igual à do ano passado (Basto, Ribadouro, Lima e Sousa), outras em que a estimativa é inferior - Ave (-1%), Entre Douro e Vouga e Grande Porto (-20%) - e outras ainda em que a estimativa é superior - Cávado (+1%) e Minho (+5%). Numa visão global para o EDM, a média ponderada resulta numa estimativa de diminuição (-8%) para o milho silagem. Também o sorgo forrageiro terá uma redução na ordem dos -5%.

A qualidade é mais fraca, com mais matéria seca e menos grão.

Mantém-se idêntico o contributo das rações industriais na alimentação das diferentes espécies pecuárias.

10.2 Trás-os-Montes

Um pouco por todo o Planalto Mirandês, os vulgarmente designados lameiros começam a apresentar sinais dos efeitos das altas temperaturas sentidas ao longo do mês, associadas à ausência de precipitação (que dura há semanas). No entanto, os pastos continuam a providenciar alguma matéria verde destinada aos animais, ainda que em menor quantidade que no mesmo período de 2024. Tão ou mais importante do que o alimento é a água, cuja disponibilidade, ao que se sabe, ainda não representou problema.



Figuras 165 e 166. Dois lameiros separados apenas por um caminho, onde se pode ver a diferença na quantidade de matéria verde existente (à direita é inexistente), Brunhosinho - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 167. Outro lameiro em Brunhosinho, que encharca facilmente em caso de chuvas e que de momento não tem matéria verde para providenciar alimento aos animais - Mogadouro



Figuras 168 e 169. Mesma parcela de pastagem em 06.08.2024 (esq.) e em 05.08.2025 (dir.), onde é visível que, apesar do solo ainda reter humidade, este ano a quantidade de matéria verde existente é menor, Penas Roias - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No geral, e por toda a área da Terra Fria, as pastagens permanentes de regadio – os vulgo lameiros – ainda apresentam alguma humidade no solo e as agueiras ainda têm água.

Os lameiros de aluvião, bem como todas as pastagens permanentes de regadio, continuam a disponibilizar matéria verde para o pastoreio dos diferentes efetivos pecuários (ver foto 173), contrariamente aos lameiros de sequeiro, que neste momento estão secos (ver foto 171), sem possibilidade de serem pastoreados.

Com os sucessivos dias de temperaturas elevadas, é frequente observar-se em campo os efetivos pecuários contidos nos lameiros, debaixo dos freixos, e nos sob cobertos das matas de carvalhos e castanheiros, a disfrutar da sombra e a fazer as suas horas de descanso (pois os animais saem para o pasto de madrugada, assim que há luz natural).

Também há produtores que optam por fornecer o alimento, quer seja milho, sorgo ou feno, para os animais se alimentarem em estábulo.

O abeberamento dos diferentes efetivos pecuários é feito maioritariamente em estábulo ou nos aglomerados populacionais, nos respetivos tanques construídos para esse propósito. Durante o verão esses tanques são abastecidos pelas populações – sejam os dos aglomerados populacionais ou os existentes nas parcelas em campo.



Figura 170. Pastagem permanente de sequeiro, agosto 2024, Gimonde - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 171. Pastagem permanente de sequeiro, agosto 2025, Gimonde - Bragança

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES



Figura 172. Pastagem permanente de regadio, agosto 2024, Cova de Lua - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 173. Pastagem permanente de regadio, agosto 2025, Cova de Lua - Bragança

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES

Ao nível das pastagens permanentes e das pastagens temporárias, estamos perante um bom ano de produtividades, à semelhança da última campanha. Com excelentes produções totais para a região, com valores semelhantes aos valores de referência das VPP's para o quinquénio.

Para as forrageiras com maior representatividade na Terra Fria (aveia em fardo, silagens e milho forrageiro), verifica-se que será um ano de excelência, que se traduz num aumento da produção total, quando comparado com os anos anteriores.

As culturas forrageiras realizadas na primavera/verão apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo, mas no entanto as condições meteorológicas e a forte onda de calor sentida durante a primeira quinzena do mês, levaram as plantas a entrar em stress hídrico e as mais jovens estão em senescência. Apesar disso, estas culturas apresentam melhor estado vegetativo e estão mais desenvolvidas quando comparado com igual período da campanha anterior (ver fotos 174 e 175).



Figura 174. Sorgo em regime de sequeiro, agosto 2024, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 175. Sorgo em regime de sequeiro, agosto 2025, Gostei - Bragança

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES

O setor pecuário está estável e os produtores declaram que fizeram a reposição dos alimentos grosseiros para alimentar os efetivos pecuários no período de maior escassez de alimento. O canal de comercialização da carne continua a manter-se funcional e toda a carne produzida nas explorações é escoada sem problemas, pois estamos num período em que o consumo de carne aumentou, devido em parte ao aumento da presença humana no território, com a chegada dos emigrantes e do turismo ao norte do país.



Figura 176. Bovinos em pastoreio em sorgo forrageiro, regime de sequeiro, Donai- Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 177. Forrageira de primavera/verão (centeio), Sacoias – Bragança



Figura 178. Sorgo em regime de sequeiro, agosto 2024, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 179. Sorgo em regime de sequeiro, agosto 2025, Gostei – Bragança

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produção de cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Aveia		Centeio		Cevada		Trigo		Triticale	
	%	t	%	t	%	t	%	t	%	t
Entre Douro e Minho	100	103	101	108	-	-	100	8	-	-
Ave	99	21	100	16	-	-	-	-	-	-
Basto	82	7	100	20	-	-	100	3	-	-
Cávado	100	16	100	20	-	-	-	-	-	-
Entre Douro e Vouga	116	20	110	1	-	-	-	-	-	-
Grande Porto	75	10	100	1	-	-	-	-	-	-
Ribadouro	100	4	100	24	-	-	100	5	-	-
Vale do Lima	100	3	100	14	-	-	-	-	-	-
Vale do Minho	120	14	110	5	-	-	-	-	-	-
Vale do Sousa	100	8	100	7	-	-	-	-	-	-
Trás-os-Montes	98	2 001	101	8 303	92	141	104	2 654	108	574
A. Tâmega e Alvão P.	101	65	100	2 608	131	9	98	74	100	19
Barroso	100	16	100	985	-	-	100	9	-	-
Beira Douro e Távora	105	11	108	206	-	-	-	-	-	-
Corgo e Marão	76	3	100	25	100	2	-	-	-	-
Douro Superior	58	24	95	188	33	3	88	52	-	-
Planalto Mirandês	95	993	104	1 060	81	64	106	1 625	107	387
Terra Fria	100	505	100	2 548	100	40	100	630	100	124
Terra Quente	109	383	103	684	131	23	105	265	176	45
Região Norte	98	2 104	101	8 411	92	141	104	2 662	108	574

Tabela 2. Evolução da produção da batata de sequeiro e de regadio, comparativamente ao ano anterior

Localização	Batata-Regadio		Batata-Sequeiro	
	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	99	32 452	94	4 163
Ave	89	4 339	75	177
Basto	130	3 923	96	29
Cávado	98	3 891	100	1 028
Entre Douro e Vouga	90	1 633	90	266
Grande Porto	90	3 758	90	881
Ribadouro	100	6 231	90	52
Vale do Lima	98	2 512	95	1 274
Vale do Minho	96	1 570	99	335
Vale do Sousa	100	4 595	90	122
Trás-os-Montes	100	66 262	102	7 338
A. Tâmega e Alvão P.	104	16 733	117	1 216
Barroso	100	2 475	100	1 177
Beira Douro e Távora	100	11 051	100	482
Corgo e Marão	100	8 373	100	829
Douro Superior	87	6 489	99	847
Planalto Mirandês	100	5 982	100	1 194
Terra Fria	105	8 231	100	1 292
Terra Quente	100	6 928	100	301
Região Norte	100	98 713	99	11 501

Tabela 3. Evolução da produtividade de milho grão de sequeiro e milho grão de regadio, comparativamente ao ano anterior

Localização	Milho-Regadio Grão		Milho-Sequeiro Grão	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	98	5 923	93	2 098
Ave	96	5 248	80	1 423
Basto	99	5 878	86	2 066
Cávado	99	6 494	99	3 382
Entre Douro e Vouga	90	6 939	80	2 609
Grande Porto	90	8 984	80	2 389
Ribadouro	100	4 440	80	1 256
Vale do Lima	100	3 773	98	1 431
Vale do Minho	99	5 088	95	1 788
Vale do Sousa	100	7 457	80	1 360
Trás-os-Montes	99	3 155	98	1 062
A. Tâmega e Alvão P.	100	3 362	107	851
Barroso	100	3 413	100	1 093
Beira Douro e Távora	93	2 789	85	1 280
Corgo e Marão	92	2 623	92	941
Douro Superior	100	2 936	98	1 083
Planalto Mirandês	97	2 834	95	1 256
Terra Fria	105	3 476	100	970
Terra Quente	100	2 200	97	721
Região Norte	98	5 555	95	1 525

Tabela 4. Evolução da produtividade de feijão e grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Feijão		Grão-de-Bico	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	99	651	-	-
Ave	114	795	-	-
Basto	83	446	-	-
Cávado	100	759	-	-
Entre Douro e Vouga	100	842	-	-
Grande Porto	100	986	-	-
Ribadouro	90	390	-	-
Vale do Lima	100	423	-	-
Vale do Minho	99	583	-	-
Vale do Sousa	90	791	-	-
Trás-os-Montes	100	708	100	678
A. Tâmega e Alvão P.	100	621	100	639
Barroso	100	888	-	-
Beira Douro e Távora	98	912	99	934
Corgo e Marão	100	945	100	750
Douro Superior	100	752	100	731
Planalto Mirandês	100	880	100	791
Terra Fria	105	685	105	662
Terra Quente	100	647	100	515
Região Norte	100	701	100	678

Tabela 5. Evolução da produtividade da maçã e pera e da produção de laranja e pêsego, comparativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade				Produção			
	Maçã		Pera		Laranja		Pêssego	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	97	6 027	97	4 015	98	2 476	102	174
Ave	97	5 946	100	3 969	89	445	108	17
Basto	93	5 668	95	5 124	100	37	100	3
Cávado	99	9 585	100	4 356	100	906	100	48
Entre Douro e Vouga	100	7 930	100	8 336	100	103	120	21
Grande Porto	100	6 720	100	6 912	100	161	120	27
Ribadouro	90	3 435	90	2 632	100	442	100	7
Vale do Lima	98	4 444	98	3 457	100	248	91	42
Vale do Minho	90	4 421	90	3 478	100	68	90	6
Vale do Sousa	90	4 866	90	2 152	100	67	100	2
Trás-os-Montes	87	26 219	96	10 631	86	1 853	36	1 357
A. Tâmega e Alvão P.	100	18 323	100	15 830	100	12	74	174
Barroso	100	6 316	100	6 750			100	3
Beira Douro e Távora	85	28 400	96	12 239	100	161	90	104
Corgo e Marão	90	29 917	97	11 519	100	366	87	48
Douro Superior	95	23 149	92	10 144	81	1 220	2	32
Planalto Mirandês	98	10 975	100	6 840	100	31	100	59
Terra Fria	95	11 260	100	4 812			100	20
Terra Quente	100	17 007	100	8 148	100	64	70	917
Região Norte	87	24 770	96	8 555	93	4 329	39	1 531

Tabela 6. Evolução da produtividade do kiwi e da produção de uva de mesa e mirtilo, comparativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade Kiwi		Produção			
	%	Kg/ha	Uva de Mesa		Mirtilo	
			%	t	%	t
Entre Douro e Minho	115	9 882	90	61	115	4 778
Ave	111	5 591	-	-	112	380
Basto	110	7 486	90	2	111	92
Cávado	110	12 712	-	-	100	432
Entre Douro e Vouga	105	6 752	-	-	112	464
Grande Porto	116	12 359	-	-	108	303
Ribadouro	115	6 843	90	51	120	2 437
Vale do Lima	112	8 870	-	-	105	176
Vale do Minho	180	15 613	-	-	111	126
Vale do Sousa	115	12 682	90	8	120	369
Trás-os-Montes	96	6 658	89	221	101	889
A. Tâmega e Alvão P.	96	4 120	90	26	100	170
Barroso	-	-	-	-	100	4
Beira Douro e Távora	92	6 145	81	22	108	252
Corgo e Marão	100	9 000	67	12	121	69
Douro Superior	100	8 500	77	14	66	60
Planalto Mirandês	-	-	95	116	105	70
Terra Fria	-	-	90	10	105	76
Terra Quente	91	5 612	90	20	100	188
Região Norte	115	9 874	89	282	112	5 667

Tabela 7. Evolução da produtividade da amêndoa, comparativamente ao ano anterior

Localização	Amêndoa	
	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	100	794
Ribadouro	100	865
Vale do Sousa	100	578
Trás-os-Montes	75	496
A. Tâmega e Alvão P.	60	406
Barroso	100	139
Beira Douro e Távora	55	318
Corgo e Marão	99	761
Douro Superior	76	544
Planalto Mirandês	91	631
Terra Fria	110	543
Terra Quente	60	339
Região Norte	75	496

Tabela 8. Evolução da produtividade de uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

Localização	Uva para Vinho (mosto)	
	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	99	6 330
Ave	104	18 608
Basto	93	6 914
Cávado	100	4 109
Entre Douro e Vouga	197	2 399
Grande Porto	95	4 036
Ribadouro	90	2 551
Vale do Lima	105	4 998
Vale do Minho	103	5 216
Vale do Sousa	90	4 471
Trás-os-Montes	80	2 001
A. Tâmega e Alvão P.	92	1 213
Barroso	100	1 433
Beira Douro e Távora	93	2 943
Corgo e Marão	70	2 046
Douro Superior	88	2 013
Planalto Mirandês	95	1 400
Terra Fria	90	1 277
Terra Quente	33	1 123
Região Norte	90	3 325